

As aberrações finais do caso dos professores

"De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto".

Após tomar conhecimento, na tarde da última quinta-feira, de novos fatos relacionados às mortes dos professores – sim, eu ainda não desisti de ver esta trama devidamente esclarecida de cabo a rabo – eu havia prometido aos leitores do blog que faria bombásticas revelações na edição impressa deste jornal. É verdade.

Com as novas e irrefutáveis informações que surgiram, minha vontade era abrir literalmente o verbo e dar logo e definitivamente os nomes aos bois. Isso, é claro, se é que alguns dos envolvidos merecem ser elevados à condição dos bovinos, cuja importância para humanidade certamente supera, com larga folga, a indecência e a escrotidão de alguns atores deste verdadeiro teatro do absurdo. Como se verá muito em breve, existem pessoas cuja única utilidade no mundo é servirem como um mau exemplo, a não ser seguido. Nada mais do que isso. Além de servirem como mau exemplo, outra boa utilidade seria serem castrados em praça pública, para não procriar a espécie. Sinceramente, em 50 anos de vida nunca vi tanta maldade e indecência como vi e ainda vejo neste caso dos professores.

Todavia, atendendo recomendações de alguns advogados, mesmo contra a minha vontade pessoal, não será ainda nesta edição que poderei detalhar o que, segundo as investigações por mim realizadas e os testemunhos recentes obtidos pelo jornal, de fato aconteceu no caso, uma vez que preciso ainda localizar e ouvir duas importantes testemunhas, antes que elas venham possivelmente a ser assassinadas, ou pela própria polícia ou pelos traficantes Marcelo Caolho e João d'Ajuda, cujo envolvimento nos crimes de Pequeno e Rodrigo Terceiro é muito maior do que a princípio eu mesmo supunha.

Pois bem. Preliminarmente assim posto, apenas para dar uma satisfação aos leitores e aguçar a curiosidade, por ora faço um pequeno relato do que me foi narrado, na frente de dois conhecidos empresários da cidade, por uma importante testemunha ocular da trama macabra. Testemunha esta, aliás, que conhece muito bem e que possui inclusive estreitos laços familiares com o traficante Marcelo Caolho há muitos anos. Sei que o leitor leigo talvez tenha alguma dificuldade para assimilar o caso, mas vamos ao breve ao relato. Tentarei ser o mais claro possível.

As prisões de Marcelo e João

Segundo tal testemunha, confirmando informação que já havia me sido repassada pelo delegado Renato Fernandes em 16/06/2010, a participação de Marcelo "Caô" e João d' Ajuda, as duas únicas e principais "provas" apresentadas pela polícia e pelo MP no caso em questão, deve-se originalmente ao inquérito policial nº 201/09 - ou 210/09 - na qual Marcelo vinha sendo grampeado, com ordem judicial, pelo referido delegado, em virtudes de suas ligações com o tráfico de drogas.

Assim sendo, atendendo a um mandado de busca e apreensão judicial, presos pela polícia por porte ilegal de arma em uma determinada madrugada, o delegado Evy Paternostro teria chamado as esposas de ambos o traficantes e feito sua primeira exigência, sob a ameaça de que, caso não fosse atendido, tanto Marcelo como seu comparsa João iriam "apodrecer na cadeia", conforme ele deixou bem claro na ocasião. A exigência foi a de que o advogado Jarbas Abreu, que há anos defendia Marcelo, deixasse o caso e que em seu lugar fosse contratado o delegado Rubem Patury, da cidade de Itabuna, o que me foi confirmado por ambos os bacharéis. Até aqui tudo verdade, concordam?

Começou aí, portanto, a manipulação policial e a completa inversão dos fatos. Tanto isso é verdade que consta no processo - pasme, leitor - uma petição do Dr. Rubem Patury, endereçada ao juiz, alegando, entre coisas, que as *"promessas feitas pelo MP e pelo coordenador policial (Evy) aos seus clientes não estavam sendo cumpridas"*, numa clara e inequívoca demonstração das nebulosas negociações feitas pela polícia e pelo MP em favor dos dois traficantes e contra os quatro acusados, conforme levantei suspeita desde a primeira leitura sobre o caso. Bingo.

Procurado por nossa reportagem, o Dr. Patury, advogado e ex-delegado da Polícia Federal, via telefone, confirma o fato, tecendo ainda duras críticas à atuação da polícia e ao MP: *"Marcelo e João são dois traficantes vagabundos e mentirosos, não valem nada. Cada vez que eu chegava na delegacia para conversar com eles, eles inventavam uma nova versão, certamente estimulados pelo delegado Evy. Pode colocar aí no seu jornal que tanto este delegado Evy como este promotor Dioneles são outros dois... &#@*%'"+-, e que este processo foi todo forjado mesmo"*, afirmou-me o delegado. Bingo novamente.

A verdade sobre a morte de Pequeno

Seguindo o relato de tal testemunha, que inclusive se propõem a testemunhar e apresentar a sua versão em juízo, o que teria havido no caso dos professores teria sido uma completa inversão dos fatos, inversão esta comandada com maestria pelo delegado Evy, em possível conluio com o promotor Dioneles. *" Com Marcelo, João e a pistola 380 presos, a polícia descobriu que na verdade quem matou Pequeno foi Rodrigo Terceiro, mas não foi a mando de Edésio e, sim, a mando do próprio Marcelo Caô. O motivo do*

crime foi porque Pequeno estava tendo um caso com a mulher de Marcelo e tinha espelhado isso pra todo mundo, só para provocar e desmoralizar o Marcelo. Pequeno chegou a colocar no seu Orkut a seguinte frase: "Comi, como, vou continuar comendo e quem não gostou que venha de ré". Isso virou motivo de chacota no meio de toda a malandragem, e aí Marcelo chamou o Rodrigo Terceiro, que já era inimigo e não se dava com o Pequeno, e deu para ele uma pistola 380, cocaína e dinheiro, para ele matar Pequeno, tem até uma testemunha disso. Rodrigo matou Pequeno e depois fugiu com medo de morrer, porque Pequeno era querido pelo pessoal do Mercado do Povo e também era motorista de Edésio; Marcelo e João aproveitaram e colocaram na cabeça de Rodrigo que ele corria risco de vida e prometeram ajudar ele, e o convenceram ir para a Cidade Histórica. Rodrigo Terceiro foi para lá na carona de uma moto Bros, de cor amarela, pertencente a Marcelo, e pilotada pelo próprio João. Quando lá chegaram, assim que desceu da moto, Rodrigo Terceiro foi assassinado pelo próprio João d'Ajuda, a mando de Marcelo, que chegou de carro logo em seguida. João já desceu da moto atirando, nem chegou a tirar o capacete que usava. Inclusive, o crime foi presenciado por outras duas testemunhas. Marcelo Caô foi quem mandou matar Pequeno e quem mandou matar também o Rodrigo Terceiro, como queima de arquivo. Não existe nenhuma relação entre estes dois crimes e as mortes dos professores, o que houve foi que o delegado Evy negociou com Marcelo e João e inverteu os fatos, culpou Edésio e os PMs, em troca da liberdade de Marcelo e João. Possa até ser que a polícia tenha trocado o cano, mas a pistola 380 – de propriedade de Marcelo – que foi usada para matar Pequeno, foi a mesma arma usada para matar Rodrigo Terceiro, é só fazer uma perícia isenta e bem feita que a trama ficará toda descoberta", garante tal fonte e que, repito, se propõem até mesmo a testemunhar em juízo.

O caso dos professores

Mas o que, afinal, tudo isso tem a ver com o caso dos professores, certamente perguntam-se alguns dos leitores. Eu digo que, realmente não tem nada a ver uma coisa com a outra.

Segundo esta mesma fonte, que vive no meio e possui contato diário e direto com o mundo da malandragem, corre à boca pequena – ele me garante que isso é até mesmo de domínio público no mundo do crime – que o caso dos professores teria sido apenas uma fatalidade, proveniente de um assalto comandado por um elemento cujo nome, ao menos nesta edição, ainda vou resguardar, eis que, como ele atualmente se encontra preso por outros crimes, é possível que venha a ser executado dentro da prisão, como queima de arquivo, uma vez que, elucidado o caso dos professores, certamente os dois principais personagens responsáveis pela possível fraude processual deverão sofrer duros baques em suas carreiras funcionais, ficando desmoralizados em duas funções, provavelmente respondendo a processo disciplinar, com a perda dos cargos e até mesmo sendo afastados e demitidos do serviço público. Pelo mínimo, é isso que se espera da Justiça, tão logo a grotesca farsa caia definitivamente por terra.

Luta corporal

Ainda de acordo com a versão desta testemunha, Álvaro teria sido atraído para o sítio de sua mãe apenas porque, na condição de professor e presidente da APLB, como informou seu irmão Eric aos criminosos - e conforme declarado em juízo - os marginais que praticaram o suposto assalto acreditavam que ele, Álvaro, tinha algum dinheiro guardado em casa ou que tivesse ao menos meios de consegui-lo, uma vez que a APLB sempre possui alguns recursos em caixa. Somente por este motivo Álvaro teria sido chamado ao sítio, com a desculpa de que seu filho, Arthur, estaria passando mal. Ainda de acordo com o informante, passados dois ou três minutos da chegada dos professores, teria havido reação por parte de Álvaro e Elisney, e que acabaram sendo barbaramente executados pelos criminosos, confirmando assim o depoimento da própria mãe de Álvaro, que alegou, em juízo, que o ex-presidente teria sido violentamente atingido com um chute na região escrotal. *“ O que se sabe é que os professores não foram recebidos à bala e executados logo que chegaram, conforme foi noticiado. Ainda levou algum tempo, e houve reação e luta corporal, principalmente por parte de Elisney, que era forte e se atracou com fulano e sicrano, e aí os bandidos mataram eles”*, revela a testemunha.

Verdade ou mentira?

Pois bem, caro leitor. Se tudo isso que relatei aqui é verdade ou não, somente a reabertura de um competente e isento inquérito policial poderá apurar, o que, passadas as eleições, deve ocorrer em breve, conforme informações confiáveis que me chegam de Salvador. Estou apenas relatando o que me foi relatado, repito, na presença de dois conhecidos empresários da cidade, por uma importante e decisiva testemunha do caso, gente, novamente repito, diria até mesmo assim, de dentro da cozinha da casa de Marcelo Caô, e que não teria porquê, creio eu, mentir e nem ficar inventando uma história destas, até porque as acusações de fraude processual e enxertamento de “indícios” contra os quatro acusados são gravíssimas e passíveis de serem apuradas pela Justiça, com a conseqüente instauração de inquérito processo criminal a quem porventura estiver mentindo. Eu, pelo menos da minha parte, relato com precisão cirúrgica apenas aquilo que me foi relatado, sempre me garantindo e colocando-me à disposição da Justiça para ajudar a esclarecer o caso. Não aumento e nem invento, ainda mais porque conheço o perigo das cobras peçonhentas com que estou a lidar.

As aberrações finais do promotor

Para encerrar as considerações de hoje, apenas uma coisa posso garantir: tive acesso no dia de ontem às alegações finais feitas pelo Ministério Público e quero aqui fazer um pequeno registro, com todo respeito à instituição e à importância que ela representa, bem como aquilo que se espera daqueles que são os verdadeiros guardiões, a cara, os olhos e os ouvidos da sociedade: o arrazoado, por sinal muito mal feito e repleto de